



Rádios universitárias *on-line* na escola: ferramentas possíveis para a educação escolar¹

Zeneida Alves de Assumpção²
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo

O artigo propõe às escolas públicas paranaenses (ensinos fundamental e médio) o acesso às audiências de rádios universitárias *on line*, partindo do pressuposto de que a maioria dessas escolas já possui conexão com a internet. A inclusão digital é uma das metas das políticas públicas do governo do Estado do Paraná. Assim, essas instituições educacionais poderão valer-se das audiências dessas emissoras, utilizando-as como mais uma das ferramentas tecnológicas de ensino na sala de aula para contribuir com as diversas áreas do conhecimento, levando os estudantes conhecer a linguagem, rotinas produtivas e técnicas textuais radiofônicas. Os escolares poderão aprender a ler e problematizar os artefatos das mídias educativas (rádios universitárias) *on-line* oportunizando-os à crítica social. Este artigo é uma pesquisa parcial, constitutiva de uma investigação maior (ainda em desenvolvimento).

Palavras-chave: ensino; estudantes; internet; rádios universitárias; recursos pedagógicos.

Corpo do trabalho

O acesso à internet e ao computador é realidade na maioria das escolas públicas de ensinos fundamental e médio no Estado do Paraná, com o Programa Paraná Digital. “Ao todo 12 mil computadores e 44 mil terminais já foram adquiridos. Cada computador alimenta quatro terminais independentes, compostos por vídeo, teclado e mouse [...]”³. Os programas do Paraná Digital “foram desenvolvidos em software livre – feito para uso em sistema Linux – e possuem navegadores e planilhas, além de possibilitar o acesso à internet”⁴.

A utilização dessas tecnologias pelos alunos e professores das escolas públicas paranaenses contempla a inclusão digital, uma das metas de políticas públicas de educação do Paraná, adicionada às novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs), que em consonância com os interesses de professores, alunos e secretaria estadual de educação vêm ao encontro de nossa proposta sobre a audiência e leitura crítica das programações veiculadas pelas rádios educativo-universitárias nacionais

¹ Trabalho apresentado à DT 06 – Interfaces Comunicacionais, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Jornalista, doutora em Comunicação e Semiótica e docente de Comunicação (Jornalismo) da UEPG (PR) – e-mail zassumpao@gmail.com

³ Jornal da Educação: www.diaadiadaeducacao.pr.gov. – acesso em março de 2008.

⁴ Op.cit. www.diaadiadaeducacao.pr.gov. – acesso em março de 2008.



(públicas e particulares) e internacionais *on-line*⁵ nas salas de aula. Entendemos que essas emisoras radiofônicas têm como escopo, a programação educativo-cultural e científica construída nas universidades e/ou rádios públicas sob a responsabilidade de governos federais, estaduais e municipais. Embora, as rádios universitárias sejam catalogadas pelo Ministério das Comunicações como também rádios educativas, existem ainda, emissoras que recebem essa denominação por contemplar a transmissão da educação e cultura em muitos estados da Federação. Essas rádios não estão localizadas nos espaços físicos universitários e não têm a interferência das universidades, mas da autoridade estatal (geralmente, atreladas às Secretarias Estaduais de Cultura e/ou de Educação), como ocorre no município paranaense, com a Rádio Cultura-Educativa do Paraná, em Curitiba.

No Brasil temos dezenas de rádios educativo-universitárias pertencentes às universidades públicas e particulares. Elas apresentam programas com qualidade envolvendo educação, cultura, ciência e outros formatos, transmitindo suas programações pela internet. Dessa forma, os programas dessas emissoras poderiam ser acessados nas escolas estaduais do Paraná (essas escolas possuem internet) e contribuir com o ensino-aprendizagem, especialmente quando se trata da audiência da cultura e da ciência. Nesse aspecto podem-se citar alguns exemplos de emissoras universitárias públicas brasileiras, como a Rádio UFMG FM 104,5, da Universidade Federal de Minas Gerais (MG). Essa mesma emissora transmite dentre as programações: “Saúde da Ciência” e no “Universo Literário”, a divulgação de formatos culturais: “Toque de poesias”; “Compasso latino” e “Mala de leitura”. A Rádio UFSM AM 800, da Universidade Federal de Santa Maria (RS) também conta com os programas: “Ciência e cultura”; “Espanhol”; “A hora alemã”; “Mundo lírico”; A Rádio UFRGS 1080 khz AM Stereo, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre), a mais antiga emissora universitária, com mais de 40 anos, veicula também: “Uniciência”; “Toques de arte”, contemplando também, os gêneros e formatos educativo-cultural e divulgação tecno-científico, o mesmo ocorrendo em outras rádios universitárias públicas.

O Paraná possui três emissoras radiofônicas educativo-universitárias. A Rádio Universitária FM 106,9, da Universidade Estadual de Maringá (UEM – Maringá), divulgando o programa “Rádio Ciência”. A Rádio Universitária Entre Rios, FM 99,7,

⁵ Essas emissoras utilizam a mesma programação para transmissão construída nas rádios tradicionais (por ondas hertzianas) para serem transmitidas nas páginas da internet dessas mesmas rádios.



da Universidade Estadual Centro-Oeste (UNICENTRO – Guarapuava) e Rádio Universidade UEL FM, Universidade Estadual de Londrina (UEL – Londrina), com programação direcionada também à ciência e cultura, respectivamente: “Conexão ciência”; “Saúde e vida”, “Ambiente global” e “A música dos grandes mestres”, dentre outros formatos.

Além das emissoras radiofônicas educativo-universitárias públicas e particulares, as escolas poderão valer-se também de programas educativo-culturais e científicos de emissoras internacionais (*on line*), como a Rádio Deutsche-Welle e outras, desde que possam contribuir com o desenvolvimento educativo-cultural e científico de alunos e professores internautas-receptores.

Acredita-se que ao acessar os formatos de divulgação tecno-científica e cultural dessas emissoras, o educando poderá compreender melhor a ciência e a cultura que vem sendo desenvolvidas nas universidades públicas, além de compreender também a construção da realidade proposta pelas mídias (nesse caso as rádios) de uma forma geral, inclusive, pelas emissoras educativo-universitárias *on-line* nacionais e internacionais, através da recepção crítica das programações. Ao receber essas informações, o estudante deverá com a ajuda do professor, refletir criticamente a linguagem do rádio conceituada por Armand Balsebre, quando diz::

O conjunto de formas sonoras e não sonoras são representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo conjunto dos recursos técnico-expressivos da reprodução sonora e o conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes (apud MEDITSCH, 2005, p. 329).

Esse mesmo autor referindo-se ainda à linguagem do rádio aconselha-nos a considerar dois focos relevantes: “a característica de fenômeno acústico e a qualidade estética da natureza da mensagem radiofônica”, fundamentando-os assim:

Se a informação estética na linguagem gera-se através de uma excitação sentimental no processo comunicativo, e esta guarda uma grande conexão com o simbólico e o conotativo, a linguagem radiofônica necessita integrar em seu sistema semiótico aqueles elementos expressivos que codificam o sentido simbólico. A utilização da música e dos feitos sonoros na produção de enunciados significantes, como signos substitutivos de uma determinada idéia expressiva ou narrativa, pode superar muitas vezes o próprio sentido simbólico da palavra. O simbolismo de uma música descritiva que estimula a produção imaginativo-visual de paisagem ou situações de tensão dramática, ou ainda de cores claras ou escuras, adquirir um significado no rádio de uma força transcendental [...]. Não há dúvida de que a linguagem radiofônica é uma linguagem artificial, e que a palavra radiofônica, mesmo quando transmite a linguagem natural da comunicação interpessoal, e palavra imaginada, fonte



evocadora de uma experiência sensorial mais complexa [...]. A palavra radiofônica é a integração entre texto escrito e a improvisação verbal. O locutor quando lê um texto, tenta reproduzir uma naturalidade, com certa intimidade para eliminar o efeito distanciador. O texto escrito é um texto sonoro, por isso é necessário integrar na redação todos os recursos expressivos que conotam a referida impressão de realidade acústica, dando a mesma sensação de naturalidade e espontaneidade do discurso improvisado [...] (BALSEBRE, apud. MEDITSCH, 2005, p. 329-330).

Conhecendo a tecnologia e a linguagem dessa mídia, conforme o contexto exposto, professores e alunos (como internautas-receptores) poderão desenvolver análises dos artefatos radiofônicos através de estudos comparativos com outras emissoras *on-line*, contextualizando-os.

Partindo dessa perspectiva e sabendo de que os estudantes vivem e convivem no seu cotidiano, com as novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs), a recepção da programação das rádios educativo-universitárias pela internet na sala de aula, além de viável (as escolas públicas paranaenses estão interligadas com a internet) poderá ainda contribuir com os estudantes e professores no desenvolvimento do senso crítico e estar “a serviço da preparação para a conquista da cidadania” (LUCKESI, 1986, p. 30).

As rádios educativo-universitárias *on-line* como recurso pedagógico

A presença da inclusão digital nas escolas públicas paranaenses poderá permitir ao alunado acessar rádios educativo-universitárias *on-line* de diversas universidades brasileiras e internacionais (públicas e particulares). O acesso é possível porque a maioria das escolas dos ensinos fundamental e médio do Estado do Paraná já possui laboratórios de informática equipados com computadores e internet. Assim, os escolares poderão utilizar-se dessas tecnologias para receber informações educativas, culturais, científicas e entretenimento, além de informações de cunho instrucional, voltadas às áreas do conhecimento da educação escolar. Nesse aspecto, a pesquisadora Maria de Fátima Lima afirma:

[...] A internet, como fator de cultura, aprendizagem e democratização na/da escola, pode ser uma oportunidade para a educação reafirmar o seu lugar historicamente, libertando-se das amarras do tempo e espaço escolares circunscritos à normatização e regulação da razão instrumental. Além disso, abre as portas e janelas para convivência com diferentes valores e culturas. O uso social da rede internet pode vir a transformar a escola única na escola plural, produzindo diferentes saberes e culturas (LIMA, 2005, P. 228).



Nesse sentido, as rádios educativo-universitárias *on-line* poderão ser utilizadas pelas escolas como recursos de ensino multidisciplinares aliadas à educação formal e informal. Para que isso ocorra, os professores e alunos precisam compreender o fazer jornalístico e o agir comunicativo radiofônico dos principais gêneros e formatos do rádio: Jornalístico; Educativo-cultural; Serviço; Especial e Entretenimento, dentre outros.

A respeito deles, André Barbosa Filho, em sua obra “Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio”, publicada em 2003, os definem assim:

Jornalístico é o instrumento de que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio de diversos formatos, tais como: nota (no jargão jornalístico, significa um informe sintético de um fato atual, nem sempre inconcluso. [...] tempo de irradiação curto mediante frases diretas [...]; notícia (é o módulo básico da informação. [...] tempo de exposição é curto [...]; boletim (pequeno programa informativo com no máximo cinco minutos de duração. [...] distribuído ao longo da programação [...]; reportagem ([...] narrativa que engloba, ao máximo, as diversas variáveis do acontecimento, a reportagem consegue [...] oportunizar aos ouvintes, leitores, telespectadores ou internautas uma noção mais aprofundada a respeito do fato narrado; entrevista (uma das primeiras fontes de coleta de informação de um jornal e está presente, direta ou indiretamente, na maioria das matérias jornalísticas; radiojornal (constituído por diversas seções ou editoriais [...]; documentário (tem como função aprofundar determinado assunto construído com a participação de um repórter condutor. [...] mescla pesquisa documental, medição de fatos *in loco*, comentários de especialistas e desenvolvimento no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual, de conotação não-artística [...]; mesas-redondas ou debates (espaços de discussão coletiva em que os participantes apresentam idéias diferenciadas entre si. [...] deve ser ‘ao vivo’ ou ter aparência ‘ao vivo’, mesmo que gravado anteriormente à emissão [...]) (BARBOSA FILHO, 2005, p. 89).

Para Barbosa Filho (2005, p. 109), o gênero Educativo-cultural “é uma das colunas de sustentação da programação radiofônica nos países desenvolvidos. [...] Restrito a algumas emissões educativas [...]”, tendo como formatos:

Programa instrucional (considerados como parte de uma estratégias pedagógicas que visa acompanhar os currículos aprovados pelos ordenamentos que regulam ensino oficial, adaptado à linguagem do áudio); audiobiografia (o tema central é a vida de uma personalidade de qualquer área de conhecimento e que visa divulgar seus trabalhos, comportamentos e idéias); documentário educativo-cultural (abordagem direcionada a um tema de cunho humanístico, como uma escola, um movimento literário ou musical; análise de uma escola teatral, das programações televisivas ou radiofônicas, de grandes eventos da história, da filosofia, etc. [...] transmissão é de meia hora e uma hora, os roteiros devem respeitar o uso de elementos sonoros, como trilhas, efeitos e vinhetas [...]); Programa temático (finalidade e abordagem e a discussão de temas sobre a



produção do conhecimento. [...] duração pode variar entre cinco minutos à uma hora [...] (BARBOSA FILO, 2005, p. 109-113).

Ao referir-se ao gênero Especial utilizado também nas rádios educativo-universitárias (convencionais e *on-line*), o mesmo autor menciona: “[...] formato híbrido, incluindo-se num gênero multifuncional” (BARBOSA FILHO, 2005, p. 138), com os seguintes formatos:

Programa infantil (função de um programa infantil: divertir, educar, entreter); Programa de variedades (conhecido como radiorrevista ou miscelânea pela multiplicidade de informações com características diferenciadas que apresentam em seus roteiros [...] exemplos: programas de auditório) (BARBOSA FILHO, 2005, p. 138-142).

Nesse mesmo contexto, as rádios educativo-universitárias *on-line* poderão também apropriar-se, como as demais emissoras convencionais, do gênero entretenimento e de seus vários formatos. Barbosa Filho conceitua esse gênero assim: “[...] tal gênero tem a possibilidade de explorar com maior profundidade a riqueza do universo de linguagem de áudio, se comparado aos outros gêneros [...]” (BARBOSA FILHO, 2005, p. 115). Segundo esse pesquisador, os formatos são:

Programa musical (tem como mote a música. Com conteúdo e plástica diferenciados, abre espaço para a difusão de obras musicais dos mais diferentes gêneros. Consolidam-se com a emergência da frequência modulada FM [...]; programação musical ([...] sequência de programas dispostos dentro de técnicas específicas, mas pode representar um grande painel musical que, usualmente, chega quase à totalidade da programação de determinadas emissoras [...]); programa ficcional ([...] tem como base a interpretação, a sonoplastia, os efeitos sonoros e, especialmente, a música. [...] pertencem a dois grandes grupos: o drama e o humor [...]); programete artístico (conhecido como drops, ou de forma inapropriada como clips de áudio, o programete artístico é um formato sui generis da programação radiofônica de entretenimento); evento artístico ([...] espetáculos públicos, objetos de transmissão radiofônica [...]. Shows musicais ou de qualquer natureza artística – dando a estes contornos de programas especiais com incluso de textos e vinhetas de abertura, de passagem e de encerramento, bem como a inserção de depoimentos coletados no local e com a comunicação simultânea com os estúdios); programa interativo de entretenimento ([...] conjunto de ações de cunho diversional, que tem como pressuposto fundamental a presença dos ouvintes, os quais participam de jogos, gincanas, programas de perguntas e respostas, brincadeiras, e que pode aparecer como quadros, dentro de formatos especiais, ou como programas específicos. [...] as participações do público são contempladas com brindes e até com prêmios substanciais) (BARBOSA FILHO, 2005, p. 115-122).

Finalmente, o gênero Serviço também pode fazer parte da programação da rádio educativo-universitária *on-line* e orientar ao internauta sobre a prestação de serviço, uma das bases da radiodifusão sonora. Para Barbosa Filho (2005, p. 136), esse gênero



contempla “informativos de apoio às necessidades reais e imediatas de parte ou de toda a população ao alcance do sinal transmitido pela emissora de rádio. [...] se distingue da jornalística pelo seu caráter de ‘transitividade’ – indicativo de movimento, circulação, trânsito – provocando no receptor uma manifestação sinérgica, ao reagir à mensagem”.

Na concepção desse autor:

Notas de utilidade pública (informativo de curta duração semelhante às notas jornalísticas. Tem como objetivo específico auxiliar e alertar o ouvinte sobre prazos, acontecimentos de gala ou nojo; início, cortes e alterações no fornecimento de serviços públicos; coleta de sangue, etc. sem fundo musical); programete de serviço ([...] tem a possibilidade de aprofundar melhor os informes de apoio à população. Inserido normalmente dentro de outros formatos: radiojornais ou programas de variedades veicula aconselhamentos diversos, tais como cuidados com a saúde, questões jurídicas, investimentos, preços, turismo, emprego); programa de serviço (constitui ações radiofônicas de trinta minutos à uma hora de duração em que temas específicos de apoio aos interesses da população são apresentados. É chamado rádio oportunidades [...]) (BARBOSA FILHO, 2005, p. 136).

Ao utilizar a programação das emissoras educativo-universitárias *on-line* na sala de aula como apoio pedagógico, os professores deverão levar os estudantes à contextualização desses gêneros e formatos, logo após o acesso à audiência de seus programas. A contextualização deverá ser realizada de forma democrática, dialógica e crítica envolvendo sempre o conteúdo, o semântico e o estético dessa mídia. Dessa maneira, os estudantes receptores-internautas poderão compreender que:

O fazer jornalístico desenvolve-se em dois planos. No primeiro [...] procura narrar as notícias do dia. Cumpre a sua função referencial ou, para utilizar uma expressão corrente, a sua função informativa. Simultaneamente, porém, e num segundo plano, gera sistemas de valores [...] que configuram a narrativa produzida. [...] Se no primeiro plano, o plano do **récit**, prevalece o saber sobre ‘aquilo de que se fala’, no segundo, o plano do discurso, prevalece o saber sobre ‘de que modo é que se fala’ e ‘por quê é que se fala’ **[grifo do autor]** [...] (REBELO, 2000, p. 41)

Maria Inês Ghilardi ilustra a fala de Rebelo, quando opina:

Ler a mídia é ler jornais, revistas, ouvir rádio, assistir a televisão, comunicar-se pelo computador e compreender os textos que produzem e as imagens que refletem. A depender dos diferentes objetivos e que os textos se apóiam, é preciso saber pxar o fio que levará ao trabalho interpretativo revelador de como o discurso foi tecido, para perceber as intenções que estão por trás de cada palavra, de cada apresentação, enfim, de cada ato discursivo, bem como compreender a ideologia a ele subjacente (GHILARDI, 1999, p. 107).



Nesse sentido, os estudantes ouvintes-internautas poderão perceber que as mídias são “sujeitos semióticos” (LANDOWSKI, 1992, p. 48). Elas são carregadas de significação. Os discursos e artefatos midiáticos são construídos por diversos signos. A programação educativa, cultural, científica e entretenimento das rádios educativo-universitárias, como as programações das demais emissoras, mesmo àquelas que não estão na internet são bens simbólicos. Daí, a relevância de professor e aluno saberem conhecer e analisar criticamente as linguagens e artefatos delas. Assim, alunos e professores compreenderão com mais exatidão e discernimento os discursos simbólicos radiofônicos, como destaca Ricardo Haye.

O rádio constrói ‘imagens acústicas’ a partir de signos orais, verbais, musicais, sonoros e silêncios. Esses elementos possibilitam que as imagens adquiram uma forma determinada para transmitir conteúdos de variada espécie. [...] O canal escolhido como meio para produzir um fazer comunicativo (auditivo) constitui bem mais que um simples transportador de sinais. Chega a ser um autêntico código de compreensão cultural, um modo convencional acordado entre emissores e receptores para estabelecer um tipo particular de reconhecimento [...] (HAYE, apud MEDITSCH, 2005, p. 347).

A partir dessas premissas discursivas, o aluno aprende e apreende a semiótica que circula na produção cultural simbólica desenhada pelos meios de comunicação social. “Na rádio, além das palavras existem os sons, os ruídos e o silêncio, os quais constroem códigos para uma comunicação compreensível e coerente (BRECHT, apud MEDITSCH, 2005, p. 42).

A escola como instituição social e construtora do saber elaborado e de cultura não pode desconsiderar o potencial das mídias no cenário social e escolar. As mídias se fazem presentes na comunidade escolar e na sociedade. A presença delas é marcante e norteia a vida das pessoas, tal como o lazer, a opinião delas. O agenda setting nos mostra essa realidade, conforme destaca o pesquisador Clóvis Barros Filho (1999, p. 11): “o agenda setting é uma das formas possíveis de incidência da mídia sobre o público. [...] hipótese segundo a qual a mídia, pela disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá”. Nesse aspecto, é importante debater as mídias na sala de aula, em especial a mídia radiofônica. A discussão poderá perpassar pela análise de programas, comparando-os entre diversas emissoras. Nesse caso específico, as rádios que estão conectadas à internet. Cabem aqui os ensinamentos de José Manuel Moran:



[...] podem ser escolhidos programas de variedades, utilizando-se a técnica de análise de valores: de que gostou mais? De que gostou menos? Que idéia e valores passam o programa? O que modificaria no programa? Segue-se posteriormente o mesmo processo de discussão em grupos e em plenário, apontando as coincidências, divergências e contradições existentes. Comparam-se os resultados da **análise de um programa com programas de outras emissoras (grifo do autor)**, para obter uma melhor visão de conjunto. É importante discutir, no final, a programação radiofônica em geral, a de elite e a popular. Elaborar projetos de participação em novos programas (o que modificaria) e, se possível, gravar alguns pilotos (programas diferentes). O rádio deve ser comparado aos outros meios, principalmente à televisão, tanto no geral, quanto nos vários gêneros específicos [...] (MORAN, 1991, p. 79-80).

Assim, os estudantes poderão compreender a mídia radiofônica e saber “filtrar” o discurso dela, tornando-se mais críticos em relação aos artefatos radiofônicos e as demais mídias, construindo assim, a crítica social. Nesse contexto, o papel da escola é fundamental e de capital importância perante a sociedade da informação e da comunicação em que as mídias se fazem presentes diuturnamente na vida das pessoas, inclusive na vida dos próprios professores e alunos. Nesse aspecto, a opinião de Moran é bem-vinda quando afirma:

A escola, ao rejeitar os meios, está reconhecendo a sua incapacidade de entender o homem de hoje, o seu saudosismo de outras épocas, quando o mundo permanecia relativamente estável. O ponto de partida da educação é reconhecer que os espaços e instituições formais de ensino somente preenchem uma parte do processo educacional. Os meios de comunicação são espaços altamente significativos de educação, porque estão próximos da sensibilidade do homem de hoje e porque são voluntários. Então, reconhecemos que os meios educam, não só sobre conteúdos e valores, mas também educam para a sensibilidade (para sentir de uma determinada forma concreta e não abstrata) e educam para expressar-se plasticamente, com imagens, com rapidez, de forma sintética. A escola tem que educar-se para os meios e não tentar domesticá-los, incorporá-los como complemento do seu projeto pedagógico. A escola precisa mais dos meios do que estes da escola (MORAN, 1993, p. 182).

Nesse contexto, as escolas públicas paranaenses ao utilizarem as rádios educativo-universitárias como ferramentas de ensino, precisam atentar-se para três focos. O primeiro, levar os alunos à análise crítica de suas programações. Segundo, motivar os estudantes (em equipe) à construção de notícias, reportagens científicas e culturais radiofônicas. Terceiro, incentivar o educando utilizar o microfone para a leitura e divulgação das produções de textos radiofônicos (notícias e reportagens) deles para os colegas de turma. Assim, o estudante poderá

Desenvolver com maior rapidez determinadas habilidades não manifestadas no seu dia-a-dia: fluência na leitura de pequenos textos (mensagens) ao microfone; interpretação; produção de textos, espírito de equipe e companheirismo; responsabilidade; síntese; pesquisa de temas; iniciativa própria; análise crítica do meio radiofônico; eloquência... (ASSUMPCÃO, 1999, p. 22).



Cabe lembrar aqui, também, a opinião da pesquisadora Patrícia Marks Greenfield, que fundamenta o contexto exposto, quando menciona: “em virtude de a produção envolver sempre mais conhecimentos do que a mera percepção parece provável que uma vez que as crianças tenham tido experiência como produtoras, elas serão consumidoras mais exigentes” (GREENFIELD, 1988, p. 144).

Nessa perspectiva, a nossa proposta de estudo que as escolas públicas paranaenses interconectadas com a internet possam utilizar-se das rádios educativo-universitárias nacionais e internacionais como ferramentas pedagógicas multidisciplinares, atendem a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Nº 9.394/96 e os Parâmetros Curriculares nacionais (PCNs) que determinam as escolas brasileiras “discutir sobre os que veicula jornais, revistas, livros foto, programa ou programa de rádio e TV trará à tona suas mensagens implícitas ou explícitas – sobre valores e papéis sociais” (PCNs, 1998, p. 38), orientando o professor trabalhar a leitura crítica dos meios midiáticos na sala de aula, a partir da educação fundamental.

Nessa esteira, a utilização de rádios educativo-universitárias *on-line* na sala de aula poderá atender aos anseios da LDB e dos PCNs e contribuir como ferramenta de ensino à educação escolar, além de permitir a criticidade do educando perante as mídias, através como já mencionamos, da análise, comparação e construção (pelos alunos sob orientação de professores) de produtos radiofônicos nos diversos gêneros e formatos. Assim, o estudante-emissor e ouvinte-internauta compreenderá como as mídias constroem, recortam e redesenham o mundo, conforme destaca a pesquisadora Maria Inês Ghilardi:

Uma das tarefas do ensino é estudar a mídia para não ser ‘engolido’ por ela; sua importância depende da função e dos usos que lhe são atribuídos no contexto social. Fazer do discurso da mídia um ponto de partida para a reflexão e a crítica sobre os fatos do mundo é fazer da sua leitura uma atividade criativa e crítica (GHILARDI, 1999, p. 111).

Clóvis Barros Filho comunga com Ghilardi, quando expressa:

[...] O estudo do material deve ser epistemológico, de método (relativo ao conhecimento do processo de comunicação) e não temático. Se os objetivos são a discussão e o desenvolvimento do espírito crítico, é inútil transformar o aluno num deglutinador hipocondríaco de pílulas informativas (BARROS FILHO, 1999, p. 33).



Respaldo-se nos ensinamentos desse pesquisador, a utilização das novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs), em especial as rádios educativo-universitárias nacionais e internacionais *on-line*, poderão ser uma grande fonte de conhecimentos e de cultura. O professor deverá, então, ser o mediador entre a programação e o alunado para que elas (as rádios) possam também “ensinar” ciência e cultura aos estudantes ouvintes-internautas.

É importante frisar nesse trabalho, que a mídia radiofônica brasileira já nasceu educativa-cultural. Se fizermos um retrospecto histórico, verificaremos que a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a primeira emissora brasileira, teve essa função desde 1923 até 1936, quando foi doada ao Ministério da Educação, transformando-se em Rádio MEC. Essa rádio continua com a mesma proposta educativa-cultural. O Brasil conta com inúmeras rádios educativo-universitárias (por ondas hertzianas). Muitas delas transmitindo programações educativo-culturais e ciência também pela internet, com qualidade, o que justifica nossa proposta.

Considerações Finais

Procuramos nesse trabalho mostrar a relevância das programações educativo-culturais transmitidas pelas emissoras radiofônicas das universidades brasileiras e a viabilidade delas serem utilizadas nas escolas públicas do Paraná, como mais um dos recursos pedagógicos para diversas áreas de conhecimento, partindo da realidade de que a maioria dessas escolas está informatizada.

Com essa inclusão digital, estudantes e professores dos ensinos fundamental e médio contam com laboratórios de informática e acesso à internet. Assim, poderão utilizar-se dessas tecnologias para a audiência de emissoras radiofônicas educativo-universitárias que veiculam suas programações também pela internet. Essas rádios poderão ser mais uma das tecnologias educacionais a serem pensadas e utilizadas nas escolas públicas do Paraná.

Referências bibliográficas

ASSUMPÇÃO, Zeneida A. de. **Radioescola**: uma proposta para o ensino de primeiro grau. São Paulo: Annablume, 1999.

BALSEBRE, Armand. “A linguagem radiofônica”. IN: MEDITSCH, Eduardo (org). **Teorias do rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005.



BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio.** São Paulo: Paulinas, 2003.

BARROS FILHO, Clóvis. “Mundos possíveis e mundos agendados: um estudo do uso da mídia na sala de aula”. IN: BARZOTTO, Valdir (org). **Mídia, Educação e Leitura.** São Paulo: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais/Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília: MEC/SEE, 1998.

BRECHT, Bertold. “Teoria do rádio (1927-1932)”. IN: MEDITSCH, Eduardo (org). **Teorias do rádio: textos e contextos.** Florianópolis: Insular, 2005.

GHILARDI, Maria Inês. “Mídia, poder, educação e leitura” (org). IN: BARZOTTO, Valdir (org). **Mídia, Educação e Leitura.** São Paulo: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

GREENFIELD, Patrícia M. **O desenvolvimento do raciocínio na era eletrônica: os efeitos da TV, computadores e videogames.** São Paulo: Summus, 1988.

HAYE, Ricardo. “Sobre o discurso radiofônico”. IN: MEDITSCH, Eduardo (org). **Teorias do rádio: textos e contextos.** Florianópolis: Insular, 2005.

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida.** São Paulo: Educ-Pontes, 1992.

LIMA, Maria de Fátima. “Mídias digitais e educação: tudo ao mesmo tempo, agora o tempo todo...”. IN: BARBOSA FILHO, André (org). **Mídias digitais: convergência tecnológica e inclusão social.** São Paulo: Paulinas, 2005.

LUCKESI, Cipriano C. “Presença dos meios de comunicação na escola: utilização pedagógica e preparação para a cidadania”. IN: KUNSCH, Margarida M. Krohling (org). **Comunicação e educação: caminhos cruzados.** São Paulo: Edições Loyola, 1986,

MORAN, José Manuel. **Como ver televisão: leitura crítica dos meios de comunicação.** São Paulo: Paulinas, 1991.

_____ **Leituras dos meios de comunicação.** São Paulo: Pancast, 1993.

REBELO, José. **O discurso do jornal: o como e o por quê?** Lisboa: Editorial Notícias, 2000.